

LITERATURA E PERSEGUIÇÃO POLÍTICA EM GOIÁS: O CASO DE CARMO BERNARDES

Márcia Pereira dos Santos¹

Resumo

O presente artigo discutirá a perseguição sofrida por Carmo Bernardes durante o regime militar brasileiro imposto ao país em 1964. Nesse sentido, partindo de entrevistas com amigos e familiares do autor e dos próprios textos de Bernardes, a intenção desse trabalho é compreender as posições e ideais que o levaram a ser considerado subversivo.

Abstract

This paper will discuss the pursuit suffered by Carmo Bernardes during the Brazilian military dictatorship imposed to the country in 1964. In this sense, beginning with interviews from friends and parents of the author and from his own texts (Bernades), the main purpose of this paper is to understand the attitudes and ideals that turned him to be considered a subversive.

A memória, enquanto fenômeno social, é dinâmica e aflora em momentos diversos, especialmente naqueles em que o passado parece estar sendo revivido e sentido de forma mais intensa. Neste ano de 2004, quando se completam 40 anos do Golpe Militar que instaurou a ditadura militar no Brasil, emergem inúmeras memórias até então silenciadas ou ocultadas. O dito de que o brasileiro é um povo sem memória não resiste a esse momento em que se vê a efervescência do passado exposta em livros, relatos e reportagens que reatualizam (Seixas, 2001), não apenas fatos, mas sentimentos e afetos submersos na escuridão imposta pela brutalidade e violência das perseguições, condenações e assassinatos empreendidos pelos militares no poder.

Em Goiás, como em todo o país, o aparecimento das várias discussões sobre o regime militar brasileiro recolocam em cena personagens e situações que poderiam passar despercebidos pelo grande público, não fosse a força dos testemunhos e relatos. Os livros *Xambioá: paz e guerra*, a ser publicado em breve, e o *Visto do Tempo*, sem previsão de lançamento, de Carmo Bernardes, são exemplos desses relatos. O vir à tona dessas obras inéditas marca um processo de necessária ponderação sobre o significado do Golpe Militar em Goiás, bem como suas repercussões na vida de muitas pessoas, no caso específico, na vida do escritor Carmo Bernardes.

¹ Doutoranda em História UNESP/Franca. Professora do Curso de História da UFG/CAC. Integrante do NIESC.

Sendo assim, é apropriado, neste momento, compreender os caminhos que levaram Bernardes à produção de sua obra, especialmente as crônicas, na década de 1960, nas quais aparece uma crítica, às vezes explícita, às vezes dissimulada, ao governo militar e, com isso, desenvolver uma tentativa de explicação sobre a perseguição sofrida pelo autor durante a ditadura militar.

É importante ressaltar que a memória, ao reatualizar o passado, não o toma como pronto e acabado. As lembranças fazem oportunas as reflexões e, conseqüentemente, as necessárias avaliações, muitas vezes marcadas por intensos envolvimento emocional e afetivos, sobre fatos, sujeitos e tramas vividas. Isso implica que a memória vai se configurando no próprio processo da lembrança, ou seja, forma-se um quadro de reconhecimento do passado sinalizado pelas preocupações do presente para com esse passado (Bresciani e Naxara, 2001).

As questões que este texto problematiza partem de uma pergunta central: por que Bernardes foi denunciado ao governo militar brasileiro como subversivo e comunista?

Inicialmente, é preciso ter clara a trajetória de Bernardes no jornalismo, especialmente, e na literatura.

Autodidata, Carmo Bernardes não teve formação acadêmica. O interesse pelos livros e pelas palavras nasceu ainda na infância sob influência da mãe. Coursou apenas as séries iniciais do ensino regular, mas embrenhou-se no contato com livros, palavras e escritos, tornando-se um aficionado leitor dos mais diversos escritores e gêneros literários. À medida que se envolvia com as letras, Bernardes ia compondo um universo de referência que mais tarde marcaria seu estilo de jornalista e escritor. Somente aos 30 anos, depois de ter passado por inúmeras outras profissões, Bernardes entra no jornalismo, na cidade de Anápolis. Até esse período era um entusiasta do partido comunista, porém, segundo sua filha Ana Maria do Carmo, em entrevista concedida em 10/05/04, tal entusiasmo não se prolonga, pois o autor se distancia do partido.

Redator, cronista e repórter, Carmo Bernardes desenvolveu o trabalho jornalístico trazendo consigo a vida forjada no contato com a cultura rural, com a experiência de carpinteiro do pai e a sabedoria popular da mãe. No jornal *A Imprensa*, de Anápolis, iniciou uma atuação mais sistemática no jornalismo, nas décadas de 1940 e 1950. Ainda em Anápolis ingressou na publicação do semanário *A Luta*, jornal independente, muitas vezes impresso pelo próprio Bernardes com a ajuda de D. Maria Nicolina do Carmo, sua esposa. Jornal combativo e

atento aos problemas sociais, *A Luta* expressava as aspirações do autor de uma maior difusão da cultura goiana, bem como dos problemas que afligiam os goianos.

Em 1959, Bernardes transfere-se para Goiânia, mas somente em 1965 volta a ocupar-se do jornalismo, tornando-se redator do *Jornal Cinco de Março* e fazendo algumas contribuições em rádios da capital. Neste ano de 1965 é convocado a depor no IPM. Em 1966, publica seu primeiro livro de contos: *Vida Mundo*.

Bernardes levava uma vida simples em Goiânia. Da casinha verde na Macambira, atual setor Pedro Ludovico, ia difundindo suas concepções de mundo que se propagavam nos jornais e em revistas da capital goiana. Trabalhava em órgãos públicos e freqüentava o Café Central, ponto de encontro que marcou a vida de uma geração de intelectuais goianos.

Segundo o Dr. Orlando Ferreira de Castro, em entrevista concedida em 11/05/04, o Café Central serviu de palco de inúmeros debates e discussões entre vários grupos que ali se encontravam. Bernardes estava em meio a intelectuais e, com sua presença silenciosa e observadora, era levado a intervenções que, muitas vezes, deixavam outros intelectuais surpresos com sua capacidade de entendimento e compreensão dos mais variados assuntos. Os encontros noturnos no Café Central prolongavam-se por horas, permitindo um conhecimento mútuo entre os que ali se reuniam.

As principais publicações de Bernardes, nesse momento, eram artigos e crônicas, que foram, posteriormente reunidas em dois livros, *Rememória* (1969) e *Rememória II* (1969). As crônicas apontam para a personalidade do seu autor e, ainda, podem ser indícios dos motivos da denúncia de Bernardes à ditadura militar e, conseqüentemente, à sua fuga para a Ilha do Bananal.

Tematizando a vida cotidiana na nova capital, as mazelas da população pobre, as discrepâncias entre o povo e a elite, as diferenças entre a chamada grande literatura e a sua forma de escrever, as crônicas de Bernardes podem ser lidas como “panfletos” de uma concepção política de mundo.

Ao denunciar, diariamente, as injustiças e as incoerências da vida social, Bernardes, muitas vezes lido apenas como um escritor de curiosidades, faz de seu espaço no jornal um meio de ir revelando o que vê e o que sente. Disfarçado em um displicente “caipira escritor” deixa claro, em pitorescas crônicas, que reproduzem a cultura rural ou em histórias de anônimos caipiras na cidade, os dramas vividos pelos

homens do campo em Goiás nesse período, especialmente a precariedade da vida rural e a expulsão dos lavradores de suas terras; a incapacidade do mundo urbano em assimilar esses recém chegados, considerados inaptos à vida na cidade; a falta de uma estrutura que atenda às necessidades de alimentação, saúde, educação, emprego e moradia da população que está se formando na nova capital.

Vê-se em Bernardes, um número crescente de crônicas com críticas à sociedade na qual está inserido. Não é, pois, de se espantar as suspeitas levantadas sobre o autor como subversivo. Observador do povo, Bernardes não se acanhava em dizer que escrevia para esse mesmo povo em um momento em que “povo” poderia traduzir ou expressar o imaginário circulante de possíveis revoltas e revoluções, que a ditadura militar viera combater, como dizia os discursos dos militares.

Além disso, a presença de Bernardes no governo do Estado, logo deposto pelos militares, e no Jornal *Quarto Poder* da Universidade Federal de Goiás, corrobora na denúncia do autor como sendo oposição ao regime. De certa forma, Bernardes recebe com surpresa a “dedoduragem”, como diz em crônicas do livro *Rememórias*. Considera-se um “coitado” que escreve suas “caraminholas” e que nunca foi marxista ou comunista, como fora acusado - não pôde ser encontrada até o momento, no contexto da presente pesquisa, alguma crônica do autor que mencione sua passagem pelo PC - , não se considerando, portanto, um indivíduo perigoso a quem quer que seja.

Nesse caso, novamente a pergunta: por que Bernardes foi denunciado?

Segundo sua filha Ana Maria do Carmo, em entrevista concedida em 10/05/04, o denunciante, ou denunciante, de seu pai, na realidade almejavam o cargo público ocupado por Bernardes. A denúncia seria, assim, o meio de destituir o escritor de sua função pública. Porém, ainda que essa postura seja uma das explicações possíveis não se pode ignorar as características, já ressaltadas, dos pensamentos que permitiriam a composição da obra de Bernardes. Outro fato é que o autor já fora membro do PC, como salientou Ana Maria do Carmo na citada entrevista. Assim sendo, defende-se aqui a perspectiva de que Bernardes foi denunciado dentro da política militar de combate aos intelectuais que, de alguma forma, ofereciam perigo à ditadura por suas produções e, principalmente, por suas idéias. E ainda que, à época da denúncia, Bernardes não tivesse uma expressiva produção jornalística e literária, já estava dentro dos meios de

comunicação, o que deixava de sobreaviso censores e responsáveis pela vigilância de jornais e rádios.

Sobre sua denúncia, Bernardes conta, no Jornal *Cinco de Março* que:

Havia também como indício da minha periculosidade uns dos artigos que escrevi, publicado no Quarto Poder, no que relatei mais ou menos como é que era feita a comercialização do cristal de rocha nos garimpos do norte goiano. Esse jornal da Universidade Federal de Goiás eles fecharam acusando-o de comunismo, e prenderam nós todos que escrevíamos lá. Nesses artigos passei o pé adiante da mão, larguei pedantismo, dei largueza à minha mania de sabereta, e isto assombrou imenso os testas-de-ferro dos exportadores de pedras. Aí eles gritaram: pega esse homem que ele está amarrando vassoura no caminho e estrumando na frente!” Não chegava a ser um pernillongo zoando nos ouvidos deles, mas incomodava assim mesmo, e a Redentora tinha vindo pra isso: botar pra quietar os futriqueiros. Havia necessidade urgente de pegar todos os indivíduos que andavam fuchicando a vida alheia, com mania de saber toda coisa, principalmente aqueles que se entremetiam nos assuntos de soberania nacional, pregar neles o rótulo de comunista, joga-los na ilegalidade. (7-13 de jan/1980:24).

No relato, publicado em 1980, no jornal *Cinco de Março*, Bernardes vai desvelando os motivos que levaram a sua denúncia e aponta os caminhos que levaram à sua fuga. Esses relatos, obra de memória, contam o que se passou com o autor e deixam evidente sua percepção dos motivos que o fizeram ser visto como subversivo e, até mesmo, receber a condição de comunista. Em outro relato, no mesmo *Cinco de Março* ele diz que:

As madames de são Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, instigadas pelos magnatas seus maridos e amantes, naturalmente ferozes, apavorados com a fala oficial de reformas de base, Reforma Agrária, Regulamentação de Remessas de Lucros - as madames e amantes delas caíram na rua

marchando e carregando cartazes, esgoelando às Forças Armadas que salvassem a civilização cristã ocidental do comunismo ateu.

Fizeram a quartelada e quando os filhos, parentes e aderentes dessas marchadeiras possuídas de tão nobres princípios, começaram a entrar no cacete, sendo arrancados de suas asas, [...] abriram a boca no mundo que seus filhotes não. Mas os salvadores da pátria tinham que cumprir o seu dever. Os príncipezinhos tinham sido dedurados, dedo-duro não tem escrúpulos, classe desunida denuncia uns aos outros, e mesmo muitos miliquinhos frustrados não queriam perder a oportunidade de tirar suas casquinhas contra os que possuíam maiores regalias que os da sua classe. Saber escrever para eles era uma humilhação desgraçada. Outros privilégios podiam alcançar com dinheiro, com o arbítrio, com a força bruta, mas esse daí, de sapecar literatura e sustentar discussão cultural fugindo ao alcance deles avultava em humilhação intolerável. (21-27 de jan/1980: 24).

Bernardes ressentia-se não apenas da brutalidade das forças militares golpistas, pois sua crítica aflora em relação à própria sociedade que deu sustentabilidade a ditadura. Para o autor, o mal estava na incapacidade de o governo e a sociedade, verem que a ação militar, embrutecida em suas próprias frustrações, tornaram as denúncias um mecanismo de vendeta, de aniquilação do outro.

Em uma crônica do livro *Rememórias II* lê-se:

Sofri a tristeza de assistir e dou testemunho de que foi uma coisa de horror. Quem foi contar ao Governador que os seus coturnudos agiram com paciência - mentiu. Cometeu indecência de haver induzido o chefe a soltar pela boca afora aquele destampatório que muito envergonhou os seus governados.

Não, minha gente: a polícia esparramou foi balas com abundância. Matou um, feriu outro e espancou dum tanto que nós aqui em Goiânia nunca vimos em dias nenhum. Assisti. Tive a má sina de assistir. Dou por testemunha o busto do Papa João XXIII, acolá na rua 4, onde até hoje pode-se ver a nódoa do sangue de um moço

que levou um tiro na testa. As paredes do Mercado e das casas comerciais dali de próximo são mudas, mas os muitos rombos de balas, de fuzil e de revólver, falam por elas e atestam a enormidade. Elas, as paredes, podem dizer. O chão pode exibir as nódoas de sangue de gente: têm imunidade e, portanto, estão ali sendo as indesmentíveis páginas da história. [...]

As crianças, 15 anos em média, reuniram-se, na praça dos bandeirantes, colegas e padres. No último andar de um edifício alto não pude entender o que falavam. Decerto criticavam o governo. Divisei lá no meio a batina alva de um bispo. Percebi que ele ia falar, como falou. No que não vi a polícia - dei graças a Deus; tudo iria correr em paz. E correu, de fato, até o momento que algum malvado veio a perceber que os seus maus intentos não iriam se consumir. Os meninos e as meninas abalaram avenida acima, acompanhando o bispo.

Aí não podia ser: não tinha havido desordem, não tinha havido sangue. Não sei quem deu a ordem. Não vi, não ouvi. Vi foi que a soldadesca investiu, esparramou a multidãozinha, pelotões armados saíram em perseguição dando pontapés e cacetadas. Quando os bichinhos se viram acossados, começaram a agachar no chão, panhar coisas e jogar na catervagem - buchas de laranjas, pedaços de tijolos, brita de construção, essas coisas - e foi quando receberam balas. [...].

No dia seguinte - dois de abril - houve mais tiro, correu mais sangue. Dessa vez o Governador não pode dizer que a polícia não disparou nenhum tiro. Aí também seria demais. A guerra estourou, então, foi lá dentro da Catedral, muito encostado nas barbas do Governo, onde os santos não deixam ninguém mentir. Nem alguém poderia dizer que a polícia ali estivesse a fim de manter ordem. Quem acredita que dois bispos estão no altar para provocar desordem? (Bernardes, 1969: 96-98).

Não se sabe se essa crônica foi impressa em jornal. Porém, ainda em 1969 foi publicada no livro *Rememórias II*. A crítica ao governo,

à polícia e ao uso da força se cruza com a doçura com que fala dos meninos e meninas perseguidos. Por si só, sem levar em consideração o passado do autor, a crônica já era uma afronta ao governo. Na crônica a reprovação às ações da polícia é clara: o governador e seus subordinados mentiram, muito sangue em Goiânia, a própria Catedral foi palco da guerra travada entre manifestantes e a repressão. Então, como pensar Bernardes nesse clima? E com essa disposição de escrita?

No livro *Rememórias*, em meio às crônicas de temáticas rurais e do cotidiano de Goiânia, várias são as crônicas, nas quais Bernardes critica quem o “dedurou” e, no mesmo estilo, aqueles que executaram a ordem de convocá-lo para depoimento. Em *Rememória II*, lê-se a mesma intenção de mesclar crônicas aparentemente inofensivas com outras em que a denúncia social se faz sentir através de uma sensibilidade aguda. Nesse sentido, vê-se que em pleno 1969 o autor não se calava diante do que via e, se não estava nas fileiras de guerrilhas, partidos de oposição ou grupos declaradamente subversivos, sua crítica à ditadura ia sendo tecida como uma teia no conjunto de narrativas rápidas e incisivas.

A postura de crítica do autor foi, ao longo de sua vida, sendo elaborada pela vivência como jornalista e, também, com uma experiência de vida que adquiriu e sua vida rural, no meio do seu povo. Isso significou, na vida de Bernardes, a percepção do poder das palavras. As palavras mudaram sua vida, quando ainda criança descobriu o universo da escrita e da leitura ao lado da mãe. Essa mesma convicção o moveu em projetos que propunham fazer da palavra um meio de provocar mudanças.

O jornal semanário *A Luta*, publicado na década de 1950, fora um combatente defensor de temas polêmicos, como a reforma agrária. O romance *Nunila*, por outro lado, ainda que publicado somente em 1984, fora concebido muito antes, já que era continuação de *Jurubatuba*, publicado em 1972, mas já no prelo desde 1970. Em *Nunila*, Bernardes expõe a exploração das terras em Goiás, a grilagem e a expulsão dos lavradores e índios de suas terras. Assim, a atuação jornalística de Bernardes e a sua literatura expressam, além de sua sensibilidade criativa, as concepções políticas que norteavam sua leitura do mundo ao seu redor.

No romance *Nunila*, Bernardes lamenta a destruição das matas, o avanço do trator, a exploração indiscriminada de ouro, e, sobretudo a “invasão” das terras goianas. Isso tudo não passou, é possível dizer, despercebido do poder instituído no país. A denúncia de Bernardes,

nesse caso, referendou a sua participação, como intelectual, na defesa da população pobre, seja aquela rural ou urbana. Uma defesa dissimulada em contos e crônicas, por ocasião de sua fuga, e que mais tarde estaria clara nos romances publicados.

Para a ditadura militar, subversivo era todo aquele que tinha idéias contrárias àquelas defendidas pelo regime. Bernardes estava, pois, condenado a refugiar-se para não ser preso como foram outros intelectuais goianos na mesma época. O ano que fica na Ilha do Bananal, marcado pelo medo diário de ser preso, as dificuldades econômicas, a distância da família, que ficara em Goiânia, e a doença contraída reforçavam a necessidade que o escritor sentia em não se deixar calar totalmente. Talvez aqui esteja a justificativa para Bernardes, anos mais tarde, escrever o livro *Xambióia: paz e guerra*², (acessado apenas segundo entrevistas com sua filha Ana Maria e com D. Maria Nicolina) e mantê-lo não publicado. O mesmo ocorrendo com outro livro de relatos, *Visto do Tempo*, sem data para lançamento e sobre o qual o autor orientou sua família a só publicar depois de sua morte.

No livro *Xambióia: paz e guerra* Bernardes narra, à sua maneira, um dos episódios marcantes, em Goiás, do período da ditadura militar: a guerrilha do Araguaia, na qual os guerrilheiros, camponeses e membros do PC, foram massacrados pelas tropas militares.

Uma memória que se levanta como outra em relação à memória oficializada que muitas vezes, oculta os sofrimentos, as dores da maioria das pessoas, ressaltando aquilo que interessa ao poder. A memória de Bernardes, tecida como diversa, traz para a cena política os conflitos e disputas de outras visões que dão ao passado outras tonalidades e permite que esse mesmo passado seja questionado e, simultaneamente, possibilitando novas compreensões daquilo que passou. Ainda que por muito tempo essas memórias fiquem silenciadas é o presente que clama por elas e que as faz vir à tona, recompondo quadros que questionam as memórias que tentam legitimar os silêncios e ocultamentos. Porém, esse silêncio não impede a sobrevivência de memórias outras, pois:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso

² No momento em que este artigo foi escrito o livro “Xambióia: paz e guerra”, permanecia inédito sendo publicado em abril de 2005 pela Agência Goiana Pedro Ludovico Teixeira, durante a I Bienal do Livro em Goiânia, quando esse artigo já havia sido encaminhado para publicação.

de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas.

Embora ligada a fenômenos de dominação e clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente a oposição entre estado dominante e sociedade civil. (Pollak,1989: 5).

Tomando Pollak como inspiração na interpretação do silêncio de Bernardes sobre a ditadura e sobre sua perseguição, nota-se a peculiaridade do autor em relação ao passado, pois Bernardes é consciente de que produz uma memória, que não é aquela oficial. Guardar o livro-depoimento é também perceber o significado social e o impacto político sobre o passado que o mesmo causaria. Se por muito tempo trata de temas que poderiam ser tidos como triviais, tem em si um dever de memória que sobrevive nos escritos não publicados e que se camufla em ficções, apontando para a necessária interpretação da sociedade. O autor representa o mundo. Representação no sentido que lhe confere Roger Chartier (1991), dentro de uma percepção sensível do que viveu e do que vivia o escritor no momento da sua escrita. Sua escrita é seu mecanismo de resistência à força coercitiva existente no Brasil pós-golpe militar.

O poder não é total se não avança sobre as idéias e concepções de mundo de todos os indivíduos. O uso da força, da coerção, da perseguição violenta, da tortura, da denúncia e da desconfiança diária torna-se uma freqüente em regimes políticos. Exemplo é o caso da ditadura brasileira de 1964, em que Estados suprimem a democracia e se valem da vigilância constante como mecanismo de manter uma aparente uniformidade de idéias e ações. Assim, muitas vezes a resistência a esses governos se camufla e se dissimula em coisas aparentemente inofensivas, mas que por trás dessa aparência, respondem aos anseios calados e subjugados pelo poder.

Em *Rememória II*, a crônica 34 faz um jogo metafórico belíssimo, falando do mundo que cerca o autor:

Quem já teve ocasião de observar uma queimada, ver o fogo uivando na macega seca, ouvir os espoucos de um tabocal ardendo e o gemido das árvores tombando; espiar os bichos

a correr na frente só cataclismo, muitos sendo sapecados pelas línguas de labaredas, ora deitadas, ora subindo a lambar as grimpas dos coqueiros, quem já viu isso há de confirmar que é exata a comparação que faço.

Essa peleja que a gente vive nela, como se o mundo tivesse pegando fogo, ninguém tem segurança e nem esperança de escapar, quer parecer que vai longe. Enquanto não houver uma mudança no tempo, vier uma tempestade mais forte para apagar de vez as labaredas e extinguir os tições, nós, a bicharada miúda, não iremos ter a graça de um sossego. [...]

Usualmente os que riscam o fósforo e desencadeiam o castigo do incêndio não aparecem. Ficam de longe, postados nos picorotes de serra, com o chapéu caído na nuca, com os bugalhos nadando no óleo, como dizem que ficou Nero quando mandou botar fogo em Roma.

Também, exatamente como acontece nos apocalipses da queima de uma macega seca, está acontecendo no caos social em que a gente está se debatendo: não faltam os rapineiros.

Quando o fogo urra na sequidão de um tabocal, que a fumaça enovela e tolda os céus, ninguém sabe de onde sai tanto gavião malvado para ficar adiante cercando. Cercam adiante e voam por cima. Se a juriti que perdeu o ninho mas conseguiu salvar-se das chamas e vai vencendo os borbotões de fumaça e seus olhitos mal abertos já enxergam a porta da salvação, eis que a desgraça de um bico-torto cai-lhe de cofre.

Na ventania escaldante que sobe de parafuso a crista de fogo até as nuvens, é comum se ver taiepeiro de penas de aves rodopiando. São mortalhas de vítimas que foram estraçalhadas pelos gaviões da fumaça. (Bernardes, 1969: 14-141).

A crônica sentida de Bernardes se eleva como a fala dos desvalidos e pequenos que o autor, mais de uma vez, defende em seus escritos. Mesmo que se consiga fugir do fogo, do caos social, é possível cair nas garras de outros inimigos, dos vigilantes a espreita de todos os

vôos. Bernardes denuncia a situação de miséria, o incêndio no qual a população pobre se vê imersa. Concomitantemente denuncia a perseguição, da qual também é vítima e da qual escapa, ao fugir, como um criminoso. Mesmo tendo sobrevivido à carestia, ao desemprego, a uma série de agruras que o povo passa, se vê como a juriti fugindo do fogo sem ter certeza da salvação diante de outros predadores.

A fuga de Bernardes para a Ilha do Bananal, logo após seu depoimento no IPM, em Juiz de Fora, é uma tentativa ensandecida de permanecer vivo. Quando volta a Goiânia, Bernardes fica por mais de dois anos escrevendo esporadicamente sob pseudônimo, como afirma D. Maria Nicolina, em entrevista ao jornal *O Popular* em março de 2004. A perseguição do regime militar, aliada à grave doença contraída na Ilha do Bananal e que quase lhe causou a morte, de certa forma, silencia o autor. No entanto, o silêncio de muitos anos sobre a ditadura não é total: ele rompe-se vez ou outra se mostrando na crítica às instituições, aos desmandos do poder e à sociedade como um todo, que como acreditava o autor, não existe para os pequenos pardais, mas para as asas graúdas dos gaviões, conscientes de que seu poder se mantém à medida que consigam controlar a todos, usando para tanto a vigilância, a perseguição, a violência e a morte.

Assim, é possível concluir que a perseguição a Bernardes relaciona-se aos seus ideais, sobretudo, à sua visão de mundo calcada na descrença para com o poder e em uma simpatia profunda aos pobres e àqueles minoritários combatentes das injustiças sociais. O escritor foi calado no espaço público por muito tempo durante a ditadura, porém sua escrita tornou-se memória de uma luta que a maioria daqueles que eram contra a ditadura empreenderam de seus lares. Suas armas sendo esse contínuo desafio às idéias e poderes instituídos. De crônica em crônica Bernardes ia compondo seu profundo repúdio ao cerceamento das liberdades e, sobretudo, a censura às palavras.

Fontes

- BERNARDES, Carmo. *Rememórias*. Goiânia: Livraria e Editora Araújo, 1969.
- _____. *Rememória II*. Goiânia: Livraria e Editora Araújo, 1969.
- _____. *Nunila*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- _____. *Jurubatuba*. 3 ed. Goiânia: Ed. da UFG, 1994. (Coleção Belamor).
- Ana Maria do Carmo e D. Maria Nicolina do Carmo, entrevista concedida em 10/05/04.

- Dr. Orlando Ferreira de Castro, entrevista concedida em 11/05/04.
- Jornal *O Popular* de 31 de março de 2004, Caderno Magazine.
- Jornal *Cinco de Março* de 7-13 de Janeiro de 1980, p. 24, e de 21 a 27 de Janeiro de 1980, p. 24.

Referências Bibliográficas

- BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. *Memória e (Re) Sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa \ Rio de Janeiro: Difel \ Bertrand do Brasil, 1988.
- D’ALESSIO, Márcia Mansor. “Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes”. In: *Revista Projeto História*. São Paulo: EDUC, nº17, nov./98.
- _____. Estado-Nação e Construções Identitárias. Uma leitura do Período Vargas. In: SEIXAS, Jacy A. et al.(org). *Razão e Paixão na Política*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2002.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. *Memória e (Re) Sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: ed. da Unicamp, 2001.
- NORA, Pierre. “Entre história e memória”. Trad. Yara Aun Khoury. In: *Projeto História*. São Paulo: EDUC, nº 10, dez./1993.
- POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento e Silêncio”. In: *Revista Estudos Históricos: Memória*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, vol. 2, nº 3, 1989.
- SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de Memórias em Terras de História: problemas atuais. In: BRESCIANI, Maria Stella, NAXARA, Márcia Regina. (org). *Memória e (Re) Sentimentos: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed.Unicamp, 2001.
- _____. Os Campos (in) elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica. SEIXAS, Jacy A. et al.(org) *Razão e Paixão na Política*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2002.